

Bullying escolar – Intervenientes, ações e sentimentos associados: um estudo com alunos do 2º e 3º ciclos da região do Algarve

Beatriz Minghelli¹, Carla Nunes², Filipa Abílio³

1. Docente do Ciclo de Estudos em Fisioterapia, Escola Superior de Saúde Jean Piaget / Silves, Algarve (ESSJPA). beatriz.minghelli@silves.ipiaget.pt
2. Docente de Estatística e Investigadora no CIESP/ENSP e CMDT.LA/UNL, Escola Nacional de Saúde Pública, Universidade Nova de Lisboa.
3. Licenciatura em Fisioterapia, Escola Superior de Saúde Jean Piaget / Silves, Algarve (ESSJPA).

RESUMO: **Introdução** – O *bullying* pode ser definido como atitudes agressivas, intencionais e repetidas durante um período de tempo. Diversos estudos verificaram a prevalência de *bullying* entre estudantes de vários países e demonstraram que este é um problema internacional e que pelo menos um em cada dez estudantes está envolvido numa situação de *bullying*. **Objetivos** – Caracterizar as situações de *bullying* no ambiente escolar, o papel do estudante, os sentimentos associados a essas ações e identificar as características do agressor. **Métodos** – A amostra foi constituída por 519 alunos matriculados em duas escolas da região sul de Portugal que preencheram um questionário anónimo sobre uma situação de *bullying* que vivenciaram, descrevendo o papel do aluno e o que sentiram nesta situação. **Resultados** – Os resultados revelaram que em 61,7% dos casos se tratou de agressão física e 29,7% de agressão verbal. Desempenharam o papel de agressores 12,7% dos alunos, 21,8% foram vítimas e 63,6% foram testemunhas desta situação. 10,6% dos alunos relataram sentir bem, 11% mostraram indiferença e 78,4% dos alunos sentiram-se mal com a situação de *bullying*. Verificou-se que, com o avanço da idade, o estudante aumentava em 1,5 vezes a probabilidade de desempenhar o papel de agressor e os rapazes apresentavam 5,2 vezes mais probabilidades de vir a ser agressor numa situação de *bullying*.

Conclusão – O presente estudo verificou que a maioria dos alunos participou de uma situação de *bullying* escolar como testemunha, sendo os casos mais comuns de agressão física. A maioria dos alunos sentiu-se mal com essa situação. Os rapazes e os alunos com mais idade tiveram mais probabilidade de vir a desempenhar o papel de agressor numa situação de *bullying*.

Palavras-chave: bullying, adolescentes, escola, portuguesas

School bullying – Actors, actions and associated feelings: a study with students from 2nd and 3rd cycles of the Algarve region

ABSTRACT: **Introduction** – Bullying can be defined as aggressive, intentional and repeated actions over a period of time. Several studies have examined the prevalence of bullying among students from various countries showing that this is an international problem, involving at least one in ten students. **Objectives** – Characterize the bullying actions in the school environment, the student role, the feelings associated with these actions and identify the characteristics of the offender. **Methods** – The sample was composed by 519 students, enrolled in two schools in southern Portugal. Each student was invited to fill out an anonymous questionnaire, describing one situation of bullying, that they have experienced, their role and feelings about this situation. **Results** – The results revealed a prevalence of 61.7% cases of physical aggression and 29.7% of verbal allocation. 12.7% of students were aggressors, 21.8% were victims and 63.6% were witnesses. 10.6% reported feeling well, 11% showed indifference and 78.4% of students felt badly. It was found that for each year more the student increases 1.5 times the probability to be the aggressor and the boys have 5.2 times more likely to come into the role of

aggressor in a situation of bullying. **Conclusion** – The present study found that all students were involved in one school bullying situation, most of the times as a witness, with physical aggression and felt bad about it. The boys and older students over age were more likely to play the role of aggressor in a bullying situation.

Keywords: bullying, adolescents, school, portuguese

Introdução

Bullying pode ser definido como atitudes agressivas, intencionais e repetidas executadas por um ou mais indivíduos contra outros durante um período de tempo¹⁻⁴, consistindo num fenómeno nocivo e duradouro com um impacto negativo no ambiente escolar⁵⁻¹¹.

Os atos de *bullying* podem ser verbais, físicos ou envolver ações indirectas, como manipulações das amizades ou exclusão intencional das atividades^{2,11-13}.

Existem diversas formas de estar envolvido numa situação de *bullying* em contexto escolar, podendo o aluno desempenhar o papel de vítima, de agressor ou de testemunha ou também podendo assumir duas dessas ações em diferentes ocasiões^{11,14-17}.

Todos os envolvidos no *bullying* escolar sofrem consequências, sejam eles as vítimas, os agressores ou as testemunhas. A maioria dos envolvidos em atos de *bullying* possui uma maior probabilidade de desenvolver problemas físicos, psicossociais, emocionais e académicos¹⁸⁻²¹, podendo tornar-se adultos depressivos, com baixa auto-estima e com problemas de comportamento²².

Diversos estudos analisaram a prevalência do *bullying* entre os estudantes de vários países demonstrando a existência do problema a nível internacional^{4,8-9,23-33} e que pelo menos um entre dez alunos está envolvido numa situação de *bullying*²⁶.

Em 2004, o estudo de Nansel *et al.*³⁰ analisou 113.200 estudantes em 25 países e verificou que a Suécia apresentou a menor percentagem de alunos envolvidos como vítimas (5%) e a Lituânia a maior percentagem (20%), com uma média de 11% nos 25 países. A Suécia e o País de Gales tiveram a menor taxa de agressores (3%), enquanto a Dinamarca teve a maior prevalência (20%) com uma média global de 10%. A Lituânia revelou a mais elevada prevalência de agressores/vítimas (20%) e a Suécia teve a mais baixa (1%), com 6% de média dos países. Portugal teve uma prevalência de vítimas de aproximadamente 15%, 5% de agressores e 5% de agressores/vítimas.

Os dados nacionais do *Health Behaviour in School-Aged Children* (HBSC) revelaram que aproximadamente 58,7% dos alunos, com idades compreendidas entre os 11 e 15 anos, estavam envolvidos em atos de *bullying* escolar e que a prevalência deste comportamento aumentou entre os anos de 1998 e 2002^{11,34}. Os resultados de 2006 revelaram que 6,3% dos alunos assumiram o papel de agressores, 4,9% foram agressores/vítimas e 9,4% como vítimas desta situação¹¹. Os resultados do HBSC de 2009/2010 revelaram que 20% dos rapazes e 12% das raparigas com

11 anos de idade foram vítimas de *bullying* na escola, pelo menos duas vezes nos últimos dois meses³⁵.

Em Portugal, os atos de *bullying* mais frequentes são as ações relacionadas com agressões verbais e físicas^{34,36}. No entanto, ainda são escassos os estudos nacionais sobre o *bullying* escolar, principalmente na região sul do país. Desta forma, o objetivo geral do presente estudo foi caracterizar as situações de *bullying* mais frequentes no contexto escolar. Os objetivos específicos foram caracterizar, ao nível dos intervenientes, os papéis de cada estudante nas situações de *bullying* escolar (vítimas, agressores e testemunhas), tendo sido dada especial atenção ao perfil do agressor. Também a caracterização de situações de *bullying* mais frequentes (física, verbal, entre outras) e os sentimentos associados constituíram objetivos específicos deste estudo.

Metodologia

O desenho do estudo foi de natureza descritiva, transversal e correlacional.

A Direção da Escola Superior de Saúde Jean Piaget/Algarve fez um pedido ao Conselho Executivo de cada escola para desenvolver seminários de abordagem educacional sobre a temática "*Bullying* escolar". Todos os alunos que estiveram presentes nestes seminários foram esclarecidos sobre os objetivos do estudo, sendo-lhes assegurada a confidencialidade dos resultados obtidos, o direito à intimidade, respeitando, desta forma, os princípios éticos da investigação.

Amostra

A amostra, de conveniência, incluiu 537 estudantes, sendo 105 (20,2%) da E.B. 2,3 Dr. Garcia Domingues em Silves e 414 (79,8%) da E.B. 2,3 Jacinto Correia em Lagoa, ambas da região do Algarve.

Foram incluídos no estudo apenas os alunos que estiveram presentes no dia dos seminários e que tiveram o interesse em participar.

Instrumento de medida

No final do seminário foi distribuído a todos os alunos presentes um questionário anónimo que interrogava sobre uma eventual situação de *bullying* escolar vivenciada pelo aluno, a descrição do papel do aluno nesta situação e o sentimento do aluno decorrente desta situação. Na 1.ª pergunta, o aluno descrevia uma situação de *bullying* que vivenciou no último ano letivo (pergunta aberta); na 2.ª pergunta definia qual o seu papel perante a situação

descrita na 1.^a pergunta (agressor, vítima, testemunha, agressor/vítima), podendo assinalar mais que uma opção (pergunta fechada); na 3.^a pergunta explicitava como se sentiu diante da situação descrita (pergunta aberta).

Note-se que, relativamente às 2 perguntas abertas, o objetivo foi categorizar alguns tipos de situações e sentimentos.

Neste questionário também foram avaliados a idade, o ano de escolaridade e o género do aluno.

Os preletores estiveram presentes durante o preenchimento do questionário, permitindo que os alunos pudessem tirar possíveis dúvidas sobre as perguntas.

De acordo com as respostas dadas pelos alunos sobre a situação de *bullying* vivenciada, foi caracterizada a situação em atos de agressão física, xenofobia, racismo, preconceitos homossexuais, roubo e agressão verbal, procurando aumentar a coerência entre as classificações utilizadas. O mesmo foi feito para o sentimento do aluno, que foi dividido em bem, indiferente e mal, interpretando o descrito pelos alunos.

Os casos de xenofobia foram caracterizados como aversão ou hostilidade manifestada a pessoas estrangeiras, podendo incluir agressões físicas ou verbais. O mesmo foi feito para o racismo, sendo uma agressão baseada numa teoria de hierarquia racial, considerando a existência de raças superiores e inferiores. Neste contexto, as situações classificadas como situações de agressão física e verbal foram as não resultantes das situações referidas anteriormente, mas motivadas por outros aspetos (e.g., físicos: caixa de óculos ou gorda).

Análise dos dados

Após uma análise descritiva dos dados, as relações entre a situação de *bullying*, o papel do aluno nesta situação e o sentimento do mesmo foram caracterizados recorrendo à estatística inferencial, através do teste de independência do Qui-quadrado. Por questões metodológicas, baseadas na natureza das situações, na presença de pequenos números e nas condições de aplicabilidade do referido teste, foi efetuado um agrupamento da variável situação de *bullying* em 3 grupos: agressão física, agressão verbal e outros (incluindo xenofobia, racismo, preconceitos homossexuais e roubo).

Foi também analisado se o facto dos alunos se encontram no ano expectável para a sua idade, ou se se encontram adiantados ou atrasados em relação ao ano expectável, teria influência nos diferentes aspetos em análise. Para tal, foi criada uma variável, denominada por idade-ano e com 3 classes, definida com base na idade e o ano do curso que frequentavam.

A influência das diversas variáveis (idade, ano de escolaridade, género, sentimento e idade-ano) no desempenho do papel agressor foi aferida através de regressões logísticas binárias, não tendo sido considerados os alunos que foram testemunhas e os que desempenharam simultaneamente o papel de agressores/vítimas. Foi utilizado o modelo *Forward*

LR e os testes *Omnibus*, *Hosmer* e *Lemeshow* e *Nagelkerke* para verificar a significância do modelo desenvolvido, para avaliar a diferença entre as frequências observadas e esperadas e para estimar a capacidade de determinação do modelo, respetivamente³⁷. Os resultados dos modelos foram apresentados como *Odds Ratios* (OR) brutos e ajustados (pela idade e pelo sexo) e respetivos intervalos de confiança.

A análise da estatística descritiva e inferencial foi efetuada com a aplicação do *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS®), versão 19.0 para o sistema operativo Windows. A significância estatística foi estabelecida para $\alpha < 0,05$.

Resultados

Todos os alunos presentes nos seminários preencheram o questionário. Dos 537 questionários, 18 foram excluídos porque não foram preenchidos de forma correta, totalizando 519 questionários.

Dos 519 estudantes que entregaram o questionário preenchido de forma correta, 262 (50,5%) eram do género masculino e 257 (49,5%) do feminino. Todos os alunos declararam que tinham vivenciado pelo menos uma situação de *bullying* escolar.

Os alunos tinham idades compreendidas entre 9 e 18 anos ($12,81 \pm 1,97$ anos) e frequentavam do 5.^o ao 9.^o ano de escolaridade, sendo 133 (25,6%) do 5.^o ano, 136 (26,2%) do 6.^o ano, 39 (7,5%) do 7.^o ano, 122 (23,5%) do 8.^o ano e 89 (17,1%) do 9.^o ano.

Os resultados relativos ao papel do aluno na situação de *bullying* revelaram que 66 (12,7%) alunos foram agressores, 10 (1,9%) foram ao mesmo tempo agressores e vítimas, 113 (21,8%) foram vítimas e 330 (63,6%), foram testemunhas.

Nas situações descritas, relativamente à situação de *bullying* escolar, observou-se 320 (61,7%) casos de agressão física, 8 (1,5%) de xenofobia, 9 (1,7%) de racismo, 9 (1,7%) de preconceito homossexual, 19 (3,7%) de roubo e 154 (29,7%) de agressão verbal.

Na Tabela 1 apresentam-se as distribuições marginais e conjunta das situações de *bullying* e do papel exercido pelo aluno. Verificou-se que existiu associação estatisticamente significativa entre as situações de *bullying* (agressão física, agressão verbal e outros) e o papel exercido pelo aluno ($p < 0,001$). Nos casos de agressão física e verbal, 16,9% e 31,8% dos alunos foram vítimas desta situação.

Apenas como nota complementar e não tendo sido sujeito a nenhuma análise de veracidade ou de conteúdo, refiram-se alguns casos de agressão física que podem ser considerados de uma gravidade extrema, nomeadamente agressões com o uso de armas, paus, cadeiras, colocar a vítima dentro de um caixote de lixo, queimaduras com cigarros, provocando situações em que a vítima tinha medo de ir à escola e terminando por vezes em mudança de escola. Em 3 casos de agressão física, as vítimas referiram a necessidade de recorrer a um hospital.

Nos casos de roubo evidenciam-se situações em que a vítima era obrigada a ceder ou a comprar algo para o agressor (lanche, roupa ou material escolar).

Os termos e atitudes mais utilizados para agredir a vítima no item agressão verbal foram comentários maioritariamente sobre aspetos físicos, da roupa e sobre resultados de avaliação.

Na Tabela 2 apresenta-se a distribuição conjunta do ano de curso e do papel exercido pelo aluno. A maioria dos agressores frequentava o 9º ano, as testemunhas envolviam mais os alunos do 6º ano e a maioria das vítimas foram alunos do 5º ano. Verificou-se que existiu associação estatisticamente significativa entre o ano de escolaridade e o papel do aluno na situação de *bullying* ($p < 0,001$).

Ao relacionar a idade do aluno com o ano em que o mesmo se encontrava (variável idade-ano), verificou-se que 482 (92,9%) alunos apresentavam a idade adequada ao ano de escolaridade, 36 (6,9%) eram repetentes e apenas 1 (0,2%) estava adiantado em relação ao ano de escolaridade. Dos 36 (100%) repetentes, 4 (11,1%) foram vítimas, 28 (77,8%) testemunhas, 3 (8,3%) agressores e 1 (2,8%) foi agressor/vítima na situação de *bullying* descrita. O aluno que estava adiantado no ano esteve envolvido na situação de *bullying* como testemunha. Nesta associação entre a idade-ano e o papel exercido pelo aluno não se verificou significância estatística ($p = 0,143$).

Tabela 1: Distribuição conjunta das situações de *bullying* e do papel exercido pelo aluno

		<i>Agressor</i>	<i>Agressor/Vítima</i>	<i>Testemunha</i>	<i>Vítima</i>	<i>Total</i>
Agressão Física	N	33	7	226	54	320
	Situação %	10,3%	2,2%	70,6%	16,9%	100%
	Papel %	50%	70%	68,5%	47,8%	61,7%
Xenofobia	N	1	0	6	1	8
	Situação %	12,5%	0	75%	12,5%	100%
	Papel %	1,5%	0	1,8%	0,9%	1,5%
Racismo	N	0	0	8	1	9
	Situação %	0	0	88,9%	11,1%	100%
	Papel %	0	0	2,4%	0,9%	1,7%
Preconceito homossexual	N	4	0	4	1	9
	Situação %	44,4%	0	44,4%	11,1%	100%
	Papel %	6,1%	0	1,2%	0,9%	1,7%
Roubo	N	3	0	9	7	19
	Situação %	15,8%	0	47,4%	36,8%	100%
	Papel %	4,5%	0	2,7%	6,2%	3,7%
Agressão verbal	N	25	3	77	49	154
	Situação %	16,2%	1,9%	50%	31,8%	100%
	Papel %	37,9%	30%	23,3%	43,4%	29,7%
Total		66 (12,7%)	10 (1,9%)	330 (63,6%)	113 (21,8%)	519 (100%)

Tabela 2: Distribuição conjunta do ano do curso e do papel do aluno

<i>Nível de escolaridade</i>	<i>Agressor</i>	<i>Agressor/Vítima</i>	<i>Testemunha</i>	<i>Vítima</i>	<i>Total</i>
5º Ano	8 (6%)	3 (2,3%)	74 (55,6%)	48 (36,1%)	133 (100%)
6º Ano	11 (8,1%)	5 (3,7%)	97 (71,3%)	23 (16,9%)	136 (100%)
7º Ano	9 (23,1%)	0	15 (38,5%)	15 (38,5%)	39 (100%)
8º Ano	17 (13,9%)	1 (0,8%)	86 (70,5%)	18 (14,8%)	122 (100%)
9º Ano	21 (23,6%)	1 (1,1%)	58 (65,2%)	9 (10,1%)	89 (100%)
Total	66 (12,7%)	10 (1,9%)	330 (62,6%)	113 (21,8%)	519 (100%)

Quanto ao gênero, 52 (19,8%) rapazes foram agressores, 6 (2,3%) agressores e vítimas, 157 (59,9%) testemunhas e 47 (17,9%) vítimas. Em relação às raparigas, 14 (5,4%) foram agressoras, 4 (1,6%) agressoras e vítimas na mesma situação, 173 (67,3%) testemunhas e 66 (25,7%) vítimas, sendo esta relação entre os gêneros estatisticamente significativa ($p < 0,001$).

Quanto ao sentimento do aluno sobre a situação de *bullying* descrita, 55 (10,6%) disseram sentir-se bem, 57 (11%) demonstraram indiferença e a maioria dos alunos, 407 (78,4%), sentiu-se mal.

Os alunos que reportaram sentimentos negativos (mal) referiram os seguintes adjetivos e situações: triste, irritado, assustado, nervoso, intimidado, revoltado, com pena, preocupado com a vítima, mal por não ajudar a vítima, com medo de ser a próxima vítima, que não sabia que o que fazia era *bullying* e que fazia mal à vítima e/ou que tinha a obrigação de contar a alguém.

Os sentimentos de indiferença foram associados às seguintes frases ou palavras: “*senti-me mal, mas a vítima merecia*”, “*mais ou menos*”, “*normal*”, “*não tenho nada a ver com isso*”.

Quanto àqueles alunos que se sentiram bem perante a situação de *bullying* utilizaram as seguintes frases: “*foi fixe*”, “*senti-me com adrenalina*”, “*eu senti-me bem, o que levou porrada sentiu-se mal*”, “*foi engraçado*”, “*normal e relaxado*”, “*sentia-me forte*”, “*eles também me chamam*”, “*muito bem e popular*”, “*sinto-me vivo ao ver os outros a darem porrada em outros*”.

A Tabela 3 apresenta a relação entre os sentimentos associados às ações de *bullying* e o papel exercido pelo aluno. A maioria dos alunos que foi vítima de *bullying* sentiu-se mal (95,6%), assim como a maioria dos alunos que testemunharam esta situação (83,6%). Esta associação mostrou-se estatisticamente significativa ($p < 0,001$).

Tal como foi referido na metodologia, a influência das diversas variáveis no desempenho do papel agressor foi aferida através de regressões logísticas binárias. A Tabela 4 apresenta os *odds ratio* brutos e ajustados para o evento agressor (versus vítima).

Verificou-se que os rapazes apresentaram 5,2 vezes mais probabilidades de virem a desempenhar o papel de agressor numa situação de *bullying* quando comparado às raparigas (IC 95%: 2,593 – 10,490).

Tabela 3: Distribuição conjunta dos sentimentos e do papel exercido pelo aluno

Sentimentos		Agressor	Agressor/Vítima	Testemunha	Vítima	Total
Bem	N	38	1	14	2	55
	Sentimento %	69,1%	1,8%	25,5%	3,6%	100%
	Papel %	57,6%	10%	4,2%	1,8%	10,6%
Indiferente	N	13	0	41	3	57
	Sentimento %	22,8%	0	71,9%	5,3%	100%
	Papel %	19,7%	0	12,4%	2,7%	11%
Mal	N	15	9	275	108	407
	Sentimento %	3,7%	2,2%	67,6%	26,5%	100%
	Papel %	22,7%	90%	83,6%	95,6%	78,4%
Total	N	66	10	330	113	519
	Sentimento %	12,7%	1,9%	63,6%	21,8%	100%
	Papel %	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 4: Resultados da regressão logística binária para o evento agressor

Variáveis	Odds Ratio _{bruto} (IC 95%)	Odds Ratio _{ajustado} ** (IC 95%)
Idade	1,492 (1,257 – 1,771)	
Ano de escolaridade	1,804 (1,433 – 2,273)	1,481 (0,839 – 2,611)
Gênero (F*)	5,216 (2,593 – 10,490)	
Sentimento (Mal*)		
Bem	136,800 (29,889 – 626,116)	90,264 (18,946 – 430,048)
Indiferente	31,200 (7,995 – 122,639)	27,938 (6,341 – 123,092)
Idade-ano (Adequado*)	1,298 (0,281 – 5,985)	0,444 (0,068 – 2,889)

* Classe de referência

** Ajustado à idade e gênero

De forma análoga, verificou-se que à medida que o aluno fica mais velho, aumentando em 1 ano a sua idade, aumentava em 1,5 vezes a probabilidade de vir a ser agressor (IC95%: 1,257 – 1,771). O ano de escolaridade apresentou também valores não muito díspares (OR= 1,804; IC95%: 1,433 – 2,273), provavelmente devido à relação expectável entre o ano de escolaridade e a idade, facto visível na não significância do OR quando ajustado ao sexo e à idade. A variável idade-ano não parece ter influência no perfil do agressor.

O sentimento “bem” demonstrou ter um peso enorme na caracterização do perfil do agressor, referindo-se valores de OR muito elevados relativamente à categoria de referência (mal). Isto é, o agressor teve 136 vezes mais probabilidade de se sentir bem com a situação em relação a sentir-se mal.

Discussão

Os resultados do presente estudo revelaram dados sobre uma situação de *bullying* vivenciada por cada aluno e constatou que a maioria dos alunos assumiu o papel de testemunha (63,6%) desta situação, seguida das vítimas (21,8%), agressores (12,7%) e dos agressores/vítimas (1,9%). Carvalhosa *et al.*^{34,36} investigaram, através da aplicação de questionário, 6.903 alunos do 6.º, 8.º e 10.º anos das escolas de Portugal e verificaram uma maior prevalência de vítimas; no entanto, a percentagem dos agressores foi semelhante à do presente estudo, apresentando valores entre 9% e 10%. Já o estudo de Freire *et al.*²² revelou uma prevalência de apenas 7% de agressores e vítimas nas escolas de Lisboa, num total de 242 alunos.

Forero *et al.*²⁶ analisaram 3.918 crianças de uma escola na Austrália, envolvendo alunos dos 6.º, 8.º e 10.º anos, constatando uma prevalência diferente do presente estudo onde 42,4% foram testemunhas, 23,7% foram agressores, 21,5% agressores e vítimas e 12,7% vítimas.

O estudo de Spriggs *et al.*⁹ examinou 11.033 adolescentes utilizando questionários, assim como no presente estudo, tendo verificado 9% casos de vítimas, 9% de agressores e 3% de testemunhas. No entanto, neste último estudo, alguns alunos relataram não ter participado de situações de *bullying*.

Nos EUA, o estudo de Juvonen *et al.*²³ verificou uma prevalência de 22% de alunos envolvidos em situações de *bullying*; Glew *et al.*³³ também obtiveram uma prevalência semelhante, de 26%, e Nansel *et al.*¹ apresentaram uma prevalência um pouco mais elevada, de 29,9%. Neste estudo, todos os alunos que aceitaram participar declararam ter estado envolvidos em pelo menos uma situação de *bullying*.

Apresentando uma prevalência ainda menor, Obrdalj e Rumboldt⁴ revelaram que 16,5% dos alunos da Bósnia e Herzegovina experimentaram no mínimo uma situação de *bullying* quase todos os dias. A análise da prevalência também foi realizada através de um questionário, como no presente estudo.

A investigação de Nansel *et al.*¹ revelou que os mais envolvidos com atos de *bullying* foram alunos entre o 6.º e 8.º ano e o estudo de Obrdalj e Rumboldt⁴ revelou que esta mesma faixa de escolaridade foi a que incluiu a maioria dos agressores, dados que diferem do presente estudo onde os mais envolvidos como agressores foram alunos do 9.º ano; este facto pode estar relacionado com outros factores, como o início da puberdade ou a mudança no nível de escolaridade²⁰.

No presente estudo, as meninas foram mais as vítimas, enquanto os rapazes foram mais os agressores, dados que estão de acordo com o estudo de Obrdalj e Rumboldt.⁴ O facto de ser mais comum os rapazes envolverem-se em atos de *bullying*, comparado com as meninas, não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas que têm maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento^{3,10,27}. Já o estudo de Hazemba *et al.*²¹ verificou uma maior prevalência de rapazes como vítimas de *bullying* do que as meninas.

Os resultados da regressão logística apontam que os factores mais determinantes no envolvimento do papel de agressor consistem no género masculino, no aumento da idade, ou seja, os rapazes apresentam uma probabilidade de vir a ser agressor de 5 vezes mais quando comparados às meninas. Esta probabilidade também aumenta com a idade do aluno. No entanto, os alunos repetentes, apesar de mais velhos em relação ao ano de escolaridade, apresentaram um maior envolvimento como testemunhas e vítimas do que como agressores, embora esta relação não tenha apresentado significância estatística. O sentimento de bem-estar assume um papel determinante nas características do agressor.

Quanto à situação de *bullying*, Carvalhosa e Matos³⁴ revelaram que as situações de agressão verbal foram as mais utilizadas pelos agressores e são os comportamentos que mais afetam as vítimas, dados que diferem do presente estudo, onde a situação de *bullying* mais comum foram atos de agressão física.

Juvonen *et al.*²³ verificaram que os grupos envolvidos com *bullying* apresentaram problemas escolares e dificuldades comparados com outros alunos. Os agressores eram psicologicamente mais fortes e possuíam um elevado estatuto social entre os colegas. Em contraste, as vítimas eram angustiadas e socialmente marginalizadas entre os seus colegas. O presente estudo apresenta resultados concordantes com o realizado por Juvonen *et al.* Consta-se que a maioria dos agressores se sentia bem, enquanto a maior parte das vítimas se sentia mal.

Os dados da investigação de Forero *et al.*²⁶ verificaram que os agressores sentiam-se infelizes na escola e que as vítimas gostavam da escola e se sentiam sozinhas. Glew *et al.*³³ identificaram sentimentos de insatisfação, assim como no presente estudo, onde as vítimas e agressores/vítimas relataram não pertencer à escola. O presente estudo não analisou estas medidas de satisfação e isolamento, devendo estas perspectivas ser analisadas numa investigação futura.

O presente estudo apresentou, como limitações, o número reduzido e a não-aleatoriedade da amostra (amostra de conveniência), podendo levar ao aumento do erro amostral. Além disso, apesar de todos os estudos descritos acima terem utilizado como instrumento de medida a aplicação de um questionário, este divergia entre os estudos, tornando difícil uma melhor comparação.

Outra limitação do estudo foi a subjetividade do instrumento de medida, onde os depoimentos dos alunos poderiam não ser precisos e/ou não corresponder totalmente à verdade; nas perguntas abertas, a subjetividade da interpretação dos depoimentos dos alunos e posterior classificação efetuada pelos autores deste estudo. Desta forma, a classificação de algumas situações de *bullying* também pode consistir num viés, uma vez que a mesma dependeu da interpretação do investigador. A posterior categorização destas situações em três classes, relacionadas com a natureza destas e com a presença de pequenos números, consistiu também uma limitação deste estudo.

Futuras investigações nacionais, representativas ao nível nacional, são necessárias para caracterizar a prevalência em todas as regiões do país e em todos os graus de escolaridade, incluindo escolas primárias, básicas e secundárias, dos setores público e privado.

Conclusão

O presente estudo observou que a maioria dos alunos participou de uma situação de *bullying* escolar como testemunha, sendo mais comuns os casos de agressão física, onde a maior parte dos alunos se sentiu mal com esta situação. Os rapazes e os estudantes com mais idade apresentaram maior probabilidade de desempenhar o papel de agressor numa situação de *bullying*.

De acordo com os resultados obtidos, torna-se necessário que a escola dê assistência psicossocial às vítimas de *bullying* e tenha uma maior vigilância dos atos de *bullying* na sua escola. Todos os elementos envolvidos no processo escolar devem saber reconhecer os sinais de *bullying* de forma a evitar as consequências dos seus efeitos, como depressão e suicídio.

Dadas as limitações do estudo em relação ao tempo em que ocorreu o último episódio, a caracterização das situações e o tempo em que ocorreu o estudo (após o seminário sobre *bullying*), os resultados encontrados precisam ser aprofundados em estudos futuros de natureza longitudinal.

Referências bibliográficas

- Nansel TR, Overpeck M, Pilla RS, Ruan WJ, Simons-Morton B, Scheidt P. Bullying behaviors among US youth: prevalence and association with psychosocial adjustment. *JAMA*. 2001;285(16):2094-2100.
- Lyznicki JM, Mccaffree MA, Robinowitz CB. Childhood bullying: implications for physicians. *Am Fam Physician*. 2004;70(9):1723-28.
- Neto AA. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes [Bullying: aggressive behavior among students]. *J Pediatr*. 2005;81(5 Supl):S164-72. Portuguese
- Obrdaj EC, Rumboldt M. Bullying among school children in postwar Bosnia and Herzegovina: cross-sectional study. *Croat Med J*. 2008;49(4):528-35.
- Davis S, Howell P, Cooke F. Sociodynamic relationships between children who stutter and their non-stuttering classmates. *J Child Psychol Psychiatry*. 2002;43(7):939-47.
- Andreou E. Bully/victim problems and their association with Machiavellianism and self-efficacy in Greek primary school children. *Br J Educ Psychol*. 2004;74(Pt 2):297-309.
- Rudatsikira E, Siziya S, Kazembe LN, Muula AS. Prevalence and associated factors of physical fighting among school-going adolescents in Namibia. *Ann Gen Psychiatry*. 2007;6:18
- Scholte RH, Engels RC, Overbeek G, de Kemp RA, Hase-lager GJ. Stability in bullying and victimization and its association with social adjustment in childhood and adolescence. *J Abnorm Child Psychol*. 2007;35(2):217-28.
- Spriggs AL, Iannotti RJ, Nansel TR, Haynie DL. Adolescent bullying involvement and perceived family, peer and school relations: commonalities and differences across race/ethnicity. *J Adolesc Health*. 2007;41(3):283-93.
- Smith BJ, Phongsavan P, Bampton D, Peacocke G, Gilmete M, Havea D, et al. Intentional injury reported by young people in the Federated States of Micronesia, Kingdom of Tonga and Vanuatu. *BMC Public Health*. 2008;8:145
- Matos M, Negreiros J, Simões C, Gaspar T. Definição do problema e caracterização do fenómeno. In Matos M, Negreiros J, Simões C, Gaspar T, editors. *Violência, bullying e delinquência: gestão de problemas de saúde em meio escolar*. Lisboa: Coisas de Ler; 2009. p. 23-54. ISBN 9789728710996
- Pearce J, Thompson A. Practical approaches to reduce the impact of bullying. *Arch Dis Child*. 1998;79(6):528-31.
- Turagabeci AR, Nakamura K, Takano T. Healthy lifestyle behaviour decreasing risks of being bullied, violence and injury. *PLoS One*. 2008;3(2):e1585.
- Chesson R. Bullying: the need for an interagency response. Bullying is a social as well as an individual problem. *BMJ*. 1999;319(7206):330-1.
- DeVoe JF, Kaffenberger S. Student reports of bullying: results from the 2001 school crime supplement to the national crime victimization survey – Statistical analysis report. Washington, DC: National Center for Education Statistics; 2005. Available from: <http://nces.ed.gov/pubs/2005/2005310.pdf>
- Pepler DJ. Bullying interventions: a binocular perspective. *J Can Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2006;15(1):16-20.
- Kim YS, Leventhal B. Bullying and suicide: a review. *Int J Adolesc Med Health*. 2008;20(2):133-54.
- Muscari ME. Sticks and stones: the NP's role with bullies and victims. *J Pediatr Health Care*. 2002;16(1):22-8.
- Dake JA, Price JH, Telljohann SK. The nature and extent of bullying at school. *J Sch Health*. 2003;73(5):173-80.
- Craig WM, Harel Y. Bullying, physical fighting and victimization. In Currie C, Roberts C, Morgan A, Smith R, Setter-

- tobulte W, Samdal O, et al., editors. Young people's health in context – Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey. Copenhagen: World Health Organization; 2004. p. 133-44. ISBN 9289013729. Available from: http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0008/110231/e82923.pdf?ua=1
21. Hazemba A, Siziya S, Muula AS, Rudatsikira E. Prevalence and correlates of being bullied among in-school adolescents in Beijing: results from the 2003 Beijing Global School-Based Health Survey. *Ann Gen Psychiatry*. 2008;7-6.
 22. Freire IP, Simão AM, Ferreira AS. O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico: um questionário aferido para a população escolar portuguesa [Violence among school peers in basic education: a questionnaire surveyed for the portuguese school population]. *Rev Port Educação*. 2006;19(2):157-83. Portuguese
 23. Juvonen J, Graham S, Schuster MA. Bullying among young adolescents: the strong, the weak, and the troubled. *Pediatrics*. 2003;112(6 Pt 1):123-37.
 24. Baldry AC. 'What about bullying?' An experimental field study to understand students' attitudes towards bullying and victimization in Italian middle schools. *Br J Educ Psychol*. 2004;74(Pt 4):583-98.
 25. Wolke D, Woods S, Bloomfield L, Karstadt L. Bullying involvement in primary school and common health problems. *Arch Dis Child*. 2001;85(3):197-201.
 26. Forero R, McLellan L, Rissel C, Bauman A. Bullying behaviour and psychosocial health among school students in New South Wales, Australia: cross sectional survey. *BMJ*. 1999;319(7206):344-8.
 27. Kaltiala-Heino R, Rimpelä M, Marttunen M, Rimpelä A, Rantanen P. Bullying, depression, and suicidal ideation in Finnish adolescents: school survey. *BMJ*. 1999;319(7206):348-51.
 28. Voss LD, Mulligan J. Bullying in school: are short pupils at risk? Questionnaire study in a cohort. *BMJ*. 2000;320(7235) 612-3.
 29. Bond L, Carlin JB, Thomas L, Rubin K, Patton G. Does bullying cause emotional problems? A prospective study of young teenagers. *BMJ*. 2001;323(7311):480-4.
 30. Nansel TR, Craig W, Overpeck MD, Saluja G, Ruan WJ, Health Behaviour in School-aged Children Bullying Analyses Working Group. Cross-national consistency in the relationship between bullying behaviors and psychosocial adjustment. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2004;158(8):730-6.
 31. Glew GM, Fan MY, Katon W, Rivara FP, Kernic MA. Bullying, psychosocial adjustment, and academic performance in elementary school. *Arch Pediatr Adolesc Med*. 2005;159(11):026-31.
 32. Gini G, Pozzoli T, Borghi F, Franzoni L. The role of bystanders in students' perception of bullying and sense of safety. *J Sch Psychol*. 2008;46(6):617-38.
 33. Glew GM, Fan MY, Katon W, Rivara FP. Bullying and school safety. *J Pediatr*. 2008;152(1):123-8.
 34. Carvalhosa S, Matos M. Bullying entre pares: os comportamentos de provocação nas escolas portuguesas. In 2º Congresso Hispano-Português de Psicologia Ibero-psicologia. 2005;10(3).
 35. Currie C, Zanotti C, Morgan A, Currie D, Looze M, Roberts C, et al., editors. Social determinants of health and well-being among young people – Health Behaviour in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2009/2010 survey. Copenhagen: World Health Organization;2012. ISBN 9789289014236. Available from: http://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0003/163857/Social-determinants-of-health-and-well-being-among-young-people.pdf?ua=1
 36. Carvalhosa SF, Lima L, Matos MG. Bullying: a provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Anál Psicológica*. 2001;19(4):523-37. Portuguese
 37. Maroco J. Análise estatística com SPSS Statistics.(5ª ed. Lisboa: Edições Report Number, 2011. ISBN 9789899676329

Artigo recebido em 15.05.2013 e aprovado em 02.09.2014